



DESEMPENHO DO COMÉRCIO EXTERIOR BAIANO – MAIO 2026

Sumário

Desempenho do Comércio Exterior baiano – Maio 2026, 3

Importações, 7

Apêndice A – Maio 2026

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Maio 2026

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela V – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países por produtos exportados
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XVI – Importações baianas – Principais países por produtos importados



Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Flávio de Jesus Sales

Felipe Soares Sepúlveda (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte

Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

Revisão Ortográfica

2Designers

Editoração

Perivaldo Barreto Pereira

DESEMPENHO DO COMÉRCIO EXTERIOR BAIANO – MAIO 2026

As exportações baianas atingiram US\$ 815,7 milhões¹ no mês de maio – menor valor para as vendas externas no ano – sob reflexo de embarques menores (-5,8%) e de preços médios também mais fracos (-0,29%), quando comparados a igual mês do ano passado.

A redução do volume embarcado no ano chega a 5,7%, puxada pelo refino, que só em maio reduziu a quantidade embarcada em 83,1%, reflexo de paradas para manutenção e da taxaço das exportações de petróleo e derivados implementada pelo governo, em março, para proteger o mercado interno diante da crise global do produto após a guerra no Irã, em um momento de crescente demanda do combustível fóssil no país. A medida provisória, que a princípio enfrentou intensa disputa jurídica, prevaleceu, justificada como uma ação regulatória em resposta a choques nos preços internacionais, buscando garantir o abastecimento interno.

Também houve redução, em menor magnitude, nos embarques de celulose (-6,5%), produtos químicos (-8,4%) e derivados de cacau (-14,9%), dentre os mais importantes.

Houve aumento de 26,9% no valor dos embarques da agropecuária na comparação com o mesmo mês do ano passado, impulsionado pelas vendas de soja. Por outro lado, houve recuo de 14,6% na indústria de transformação, devido ao desempenho negativo no refino, celulose e derivados de cacau, e nas exportações da indústria extrativa por conta de quedas nas vendas de minério de cobre e níquel, não obstante o aumento das exportações de ouro, que continua com preços em alta, impulsionado por tensões geopolíticas, incertezas econômicas e forte compra por bancos centrais.

No recorte por país, nas exportações para a China, principal destino dos produtos baianos, houve aumento de 22,1% em maio, em relação ao mesmo mês do ano anterior. Já para os Estados Unidos, quarto maior destino, as exportações caíram 27,8% no mesmo mês, sendo superadas por Canadá e Países Baixos.

Mesmo com a derrubada das tarifas adicionais de importação impostas pela administração do presidente Trump, por decisão judicial nos Estados Unidos, a participação do país nas exportações baianas seguiu

em baixa, caindo de 8,0%, no acumulado até maio de 2025, para 6,3% em igual período deste ano, com tendência de queda ainda maior em função da nova tarifa de 25,0% proposta pelo USTR (Escritório do Representante Comercial dos Estados Unidos), com base na Seção 301, colocada em consulta pública pelos EUA até 5/7/2026. Podendo atingir até cerca de 21,0% do que a Bahia exporta aos americanos, com base nos embarques ocorridos até maio.

As vendas totais para a Ásia caíram 6,8% no mês passado. Na mesma base de comparação, as vendas para a América do Norte cresceram 0,5%, para a América do Sul recuaram 45,0%. Para a União Europeia, houve crescimento de 3,4%.

**Tabela 1 – Balança comercial – Bahia
Jan./Maio 2025/2026**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2025	2026	Var. %
Exportações	4.639.031	4.676.689	0,81
Importações	3.836.387	4.647.257	21,14
Saldo	802.644	29.432	-96,33
Corrente de comércio	8.475.418	9.323.946	10,01

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 08/06/2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Obs.: Dados preliminares.

Com a perspectiva de caos em alta e do fornecimento do petróleo em xeque, ondas de turbulência atingirão a economia mundial. Sem resolução rápida do conflito, as cotações do óleo podem chegar a US\$ 100 o barril, ou mais, segundo analistas. Na guerra dos 12 dias, em junho, o barril do *brent* subiu para US\$ 80. As consequências para a economia global seriam: menor crescimento, mais inflação, juros maiores e dólar em alta.

Com o petróleo por volta de US\$ 100 o barril, analistas estimam que a inflação global em um ano suba 0,7 ponto percentual. Economistas do Barclay's calculam que a cada 10,0% de aumento das cotações, a economia americana crescerá menos 0,1 a 0,2 ponto percentual em 12 meses. O dólar terá um impulso maior, de 0,5 a 1 ponto percentual de valorização (*Financial Times*). Os bancos centrais teriam mais um fator de incerteza a acrescentar, especialmente o Federal Reserve. A balança das ações do banco tem pendido para a suposta fraqueza do mercado de trabalho e poderá se

1 Dados preliminares sujeito a retificação.

deslocar para o lado da inflação, que chegaria a 4,0%, com a barril a US\$ 120. O corte de juros seria interrompido, com estímulo à alta do dólar. Os efeitos gerais de um choque no petróleo seriam estagflacionários (menor expansão com inflação).

As consequências podem não ser tão intensas, porém. O Irã produz pouco mais de 3,0% da oferta global (3,45 milhões de barris por dia), e a Opep, organização do cartel do petróleo, decidiu ampliar em 206 mil barris/dia sua produção, para evitar a disparada das cotações.

O Brasil controla o preço doméstico do petróleo, e os repasses de eventuais altas não são imediatos. O maior canal de transmissão das turbulências para a economia brasileira é o financeiro, em que a alta do dólar frearia a queda em curso da inflação e levaria o Banco Central a rever o ritmo de redução das taxas de juros.

Em outra frente, diante de nova ameaça de tarifas dos EUA a produtos brasileiros – o governo americano anunciou a intenção de sobretaxar novamente o Brasil, após a conclusão da investigação da Seção 301 sobre supostas práticas comerciais brasileiras desleais –, o governo vai tentar negociar com os Estados Unidos para evitar a aplicação de uma tarifa de 25,0% sobre parte das mercadorias vendidas pelo Brasil para os americanos. Contudo, há um prazo de negociação até 15 de julho.

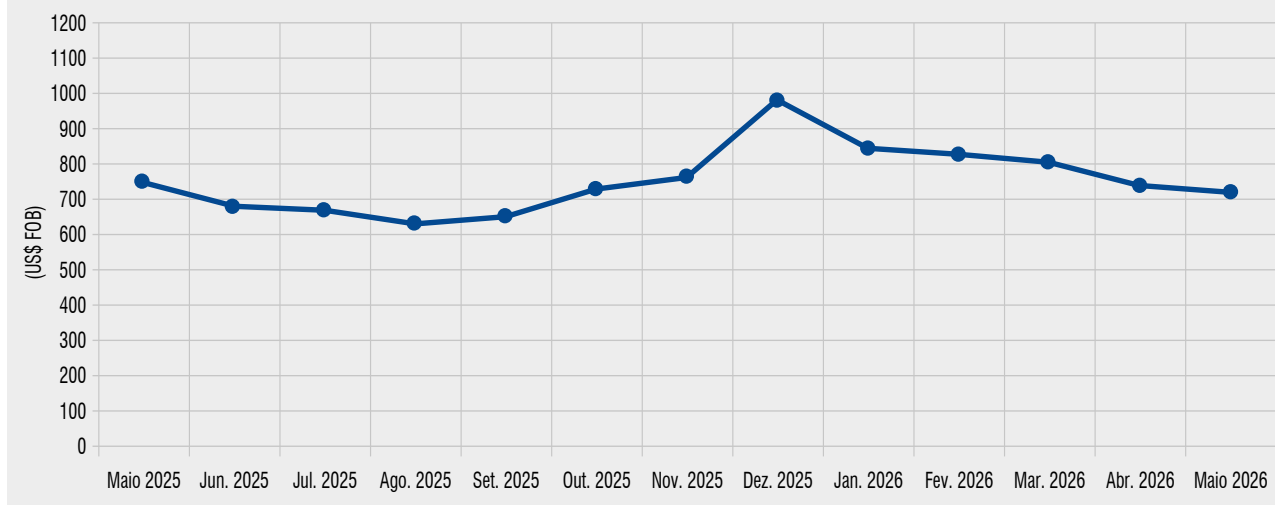
Caso as negociações não avancem, o governo brasileiro não descarta aplicar os instrumentos previstos na Lei de Reciprocidade, aprovada pelo Congresso Nacional no ano passado no âmbito do primeiro tarifaço promovido pelos Estados Unidos ao Brasil.

A estratégia se assemelha à adotada no primeiro tarifaço implantado pelos Estados Unidos no ano passado. A nova sanção americana abre a perspectiva de adoção de mais medidas compensatórias na economia doméstica.

Para a Bahia, cerca de 26,0% das exportações do estado para os Estados Unidos, até maio de 2026, podem ser afetadas pelas tarifas. Há exceção para mercadorias que se enquadram como “sujeitas às tarifas de segurança nacional”, dentre elas, carne, frutas, café, aeronaves, químicos orgânicos e terras raras. O setor mais afetado seria o de pneumáticos, que tem maior valor agregado. Outros segmentos impactados seriam os de plásticos, alguns produtos químicos, papel, calçados, ferro ligas, sisal e pescado. São as áreas mais expostas se a proposta se convertesse em tarifas efetivas ao final do processo investigativo.

Em nota, o governo federal reafirmou a expectativa de que as recomendações não se convertam em tarifas efetivas, mas reiterou que adotará “toda e qualquer medida capaz de reduzir os danos que venham a ser causados à economia, aos empregos e à renda dos brasileiros”.

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – Maio 2025/2026



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 18 maio 2026.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado em maio oscilaram negativamente em relação a abril, com recuo de 2,6%, também ficando abaixo dos preços médios de maio de 2025 em 3,6%.

Ao contrário da média dos preços externos, o Índice de Commodities Brasil (IC-Br), divulgado pelo Banco Central (BC) em 3 de junho, teve alta de 2,15% entre maio e abril, e atingiu o maior patamar desde fevereiro de 2025 – em um movimento influenciado pelo preço das *commodities* metálicas. A tendência é que os preços de *commodities* continuem pressionados, com impactos sobre a inflação interna.

O IC-Br é construído com base nos preços das *commodities* agrícolas, metálicas e energéticas, convertidos para reais. O grupo de metais teve alta de 3,8% em maio, perante abril. Foi o percentual mais expressivo entre os três grupos. O indicador engloba alumínio, minério de ferro, cobre, estanho, zinco, chumbo, níquel, ouro e prata.

A segunda maior alta foi das *commodities* energéticas, que incluem petróleo Brent, gás natural e carvão, com aumento de 2,95%. Por fim, *commodities* agropecuárias (carne de boi, carne de porco, algodão, óleo de soja, trigo, açúcar, milho, arroz, café, suco de laranja e cacau) tiveram alta de 0,90%.

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan./Maio 2025/2026

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Segmentos	Peso (ton)		Var. %	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2025	2026		2025	2026			
Soja e Derivados	2.305.202	2.509.907	8,88	878.622	998.754	13,67	21,36	4,40
Petróleo e Derivados	1.757.744	1.420.940	-19,16	903.979	796.454	-11,89	17,03	8,99
Metais Preciosos	259	395	52,18	377.580	577.642	52,99	12,35	0,53
Papel e Celulose	1.337.057	1.188.005	-11,15	597.491	530.111	-11,28	11,34	-0,15
Algodão e Seus Subprodutos	221.432	266.834	20,50	355.822	400.991	12,69	8,57	-6,48
Químicos e Petroquímicos	228.767	240.632	5,19	286.686	322.733	12,57	6,90	7,02
Minerais	296.049	235.563	-20,43	239.962	284.938	18,74	6,09	49,23
Café e especiarias	48.161	30.234	-37,22	292.424	167.671	-42,66	3,59	-8,66
Cacau e Derivados	22.296	19.241	-13,70	254.057	159.925	-37,05	3,42	-27,05
Metalúrgicos	76.301	68.133	-10,70	96.507	101.000	4,66	2,16	17,20
Frutas e Suas Preparações	58.581	64.113	9,44	68.202	76.198	11,72	1,63	2,08
Borracha e Suas Obras	13.629	12.313	-9,65	75.944	71.573	-5,76	1,53	4,31
Sisal e Derivados	31.252	27.461	-12,13	42.695	40.330	-5,54	0,86	7,51
Calçados e Suas Partes	1.088	744	-31,61	35.049	23.124	-34,03	0,49	-3,53
Couros e Peles	12.734	16.418	28,94	20.343	22.797	12,06	0,49	-13,09
Carne e Miudezas Comestíveis	3.677	4.336	17,93	14.855	19.901	33,97	0,43	13,60
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e elétricos	738	1.166	57,99	12.487	14.200	13,72	0,30	-28,02
Fumo e Derivados	464	616	32,81	14.516	14.016	-3,44	0,30	-27,30
Milho e Derivados	92.761	1.736	-98,13	19.840	378	-98,09	0,01	1,88
Demais Segmentos	51.611	74.921	45,17	51.970	53.952	3,81	1,15	-28,49
Total	6.559.801	6.183.708	-5,73	4.639.031	4.676.689	0,81	100,00	6,94

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 08/06/2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

A boa safra prevista para a soja de 8,9 milhões de toneladas, que impulsionou a safra de grãos do estado a mais um novo recorde, já está sendo refletida nas exportações do setor no ano, com alta de 8,9% nos embarques e de 13,7% no valor exportado até maio, com reflexo também em preços médios mais altos em 4,4%, quando comparados a igual período do ano passado.

Os lotes da oleaginosa para julho fecharam em alta de 1,13%, a US\$ 12,2675 por *bushel*. O órgão prevê que a colheita nos EUA vai crescer 4,1%, para 120,70 milhões de toneladas, mas projeta uma expansão ainda maior da demanda no mercado interno. A demanda vai aumentar 12,6%, para 77,83 milhões de toneladas, projeta o Departamento de Agricultura – USDA.

A demanda firme deve pressionar os estoques finais nos EUA, que devem cair para 8,44 milhões de toneladas em 2026/2027. O volume está bem abaixo das projeções de analistas, que previam reservas de 9,91 milhões de toneladas.

A reunião entre os presidentes dos EUA e da China, que ocorreu em maio, e que deve ter resultado em acordos que favoreçam a demanda pelo grão dos EUA, deu sustentação extra às cotações do produto.

O setor de petróleo e derivados ocupa a segunda posição na pauta até maio, com vendas de US\$ 796,4 milhões, ainda 12,0% abaixo de igual período do ano anterior, apesar dos preços terem melhorado no rastro do aumento do petróleo no mercado internacional devido à guerra no Oriente Médio. Os preços no ano acusam crescimento de 9,0%, mas seguem no vermelho no volume de embarques (-19,2%), motivado tanto por paradas para manutenção na Refinaria de Mataripe como pela imposição do imposto nas exportações de petróleo e derivados implementada pelo governo em março, para proteger o mercado interno diante da crise global do produto após a guerra no Irã.

As exportações de metais preciosos segue em alta, puxada pelo desempenho das vendas de ouro, que atingiram US\$ 566,9 milhões ou 98,1% do total das exportações do segmento. O preço do ouro teve valorização de 57,5% no comparativo interanual, impulsionado por tensões geopolíticas, incertezas econômicas e forte compra por bancos centrais.

O setor de papel e celulose acumulou vendas de US\$ 530,1 milhões, 11,3% inferior ao mesmo período de 2025, ditado pela redução no volume embarcado em 11,2% nos embarques e preços estáveis, com leve redução de 0,15% no comparativo interanual. O segmento tem apresentado um desempenho operacional resiliente, embora os resultados financeiros tenham sido pressionados pela valorização do real frente ao dólar. É esperado que os volumes de vendas voltem a ficar estáveis no curto prazo, com crescimento mais acentuado previsto apenas para o segundo semestre de 2026, período sazonalmente mais forte.

Com oferta estável e demanda debilitada no mercado internacional, o algodão e seus subprodutos fecharam o acumulado do ano, até maio, com vendas 12,7% superiores no comparativo interanual, a US\$ 401 milhões. O volume embarcado ficou 20,5% acima de 2025, embora os preços tenham ficado 6,5% inferiores no mesmo comparativo.

IMPORTAÇÕES

Do lado das importações, houve alta de 65,9%, a US\$ 1,09 bilhão, puxada pelo aumento nas compras de bens de consumo com forte participação de veículos elétricos chineses, em um movimento de antecipação de importações, tendo em vista a normalização dos incentivos fiscais a partir de julho deste ano.

Houve ainda crescimento de 116,3% de bens de capital (máquinas e equipamentos), de 20% em bens intermediários (fertilizantes, trigo, químicos) e recuo de 23% nas compras de combustíveis.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan./Maio 2025/2026

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2025	2026	Var. %	Part. %
Bens Intermediários (BI)	2.584.564	2.213.395	-14,36	47,63
Bens de Consumo (BC)	66.550	1.028.097	-	22,12
Combustíveis e Lubrificantes	863.760	969.183	12,21	20,85
Bens de Capital (BK)	317.522	435.488	37,15	9,37
Bens Não Especificados Anteriormente	3.991	1.093	-72,60	0,02
Total	3.836.387	4.647.257	21,14	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 08/06/2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Nos primeiros cinco meses do ano, o estado acumulou um superávit comercial de US\$ 29,4 milhões, resultado de exportações de US\$ 4,68 bilhões (+0,8%) e de importações de US\$ 4,65 bilhões (+21,1%) do mesmo período de 2025. A corrente de comércio, soma de exportações e importações, alcançou US\$ 9,32 bilhões, alta de 10% até maio.

